

Teilhard de Chardin

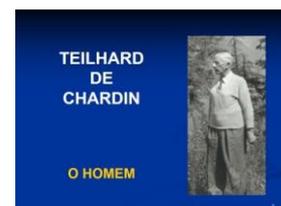
Uma espiritualidade para o 3º milénio

(conferência de António Paixão durante o 2º Encontro Nacional dos Amigos de Teilhard em Portugal, 16.04.2023, Casa Velha, Ourém)

Ao comemorar os **aniversários do nascimento e morte**, de Teilhard de Chardin, ocorre interrogar:

1 - **Porquê** falar de Teilhard de Chardin hoje?

Teilhard de Chardin, padre jesuíta francês, nasceu em 1881 e morreu em 1955. Passados quase 70 anos após a sua morte, continua a verificar-se em todo o mundo um persistente interesse pelo seu pensamento, revelado por inúmeras publicações que não param de surgir e pela criação de grupos em todo o mundo, dedicados ao seu estudo e divulgação.



Foi um grande cientista nos campos da geologia e da paleontologia e abriu caminhos que a ciência ainda hoje percorre e desenvolve. Mas foi também um místico que pugnou com grande coerência pela aproximação da ciência e da fé.

A sua vasta obra abrange os campos **científico, filosófico e místico**. Durante a sua vida, apenas foram publicadas as obras científicas, já que os seus escritos de carácter filosófico e místico, devido ao silêncio que lhe foi imposto pelas autoridades eclesiásticas, só após a sua morte foram publicados. Reunidos em treze volumes, passaram a designarse por “Obras Completas”.

Desde o começo da sua publicação, estas obras suscitaram um interesse enorme em todo o mundo, com sucessivas edições em francês e muitos outros idiomas, incluindo o português. Foi igualmente publicada a vasta correspondência que manteve com numerosos destinatários, tanto familiares como amigos ligados aos seus interesses científicos e espirituais, através da qual podemos hoje seguir a evolução do seu pensamento.

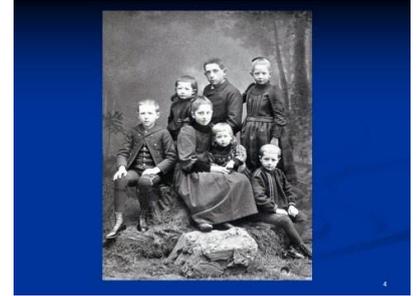
Por isso, são as “**Obras Completas**” e a Correspondência que melhor permitem conhecer o pensamento de Teilhard de Chardin. A obra estritamente científica não surge como uma

prioridade, não só por ser extremamente técnica, mas também porque as principais concepções de Teilhard nessa matéria nos são dadas a conhecer ao longo da sua outra obra, na medida em que nela nos fala sistematicamente da conciliação entre a matéria e o espírito, entre a ciência e a fé, entre o mundo e Deus.

2 - Mas **quem era** Teilhard de Chardin ?

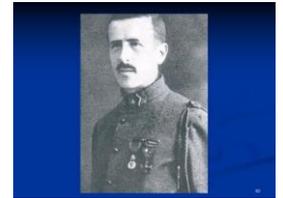


Nasceu no pequeno castelo de Sarcenat, em **Auvergne**, filho dum aristocrata rural e duma mãe extremamente piedosa (apesar de ser sobrinha-bisneta de Voltaire). Dela receberia, tal como os seus 10 irmãos e irmãs, uma sólida educação cristã. Do pai, autodidata



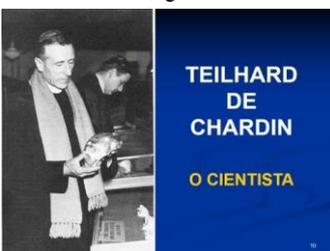
das ciências, recebeu o gosto por descobrir os segredos da natureza, tão fortemente manifestados pela cadeia de vulcões da sua Auvergne natal. Foi aqui que lhe nasceu o gosto pela investigação científica, grande paixão de toda a sua vida.

A seguir à **1ª Grande Guerra**, 14-18, em cuja frente de batalha tomou parte como cabo maqueiro, com uma heroicidade que lhe valeu ser distinguido com altas condecorações, Teilhard retoma a sua formação **científica**, interessando-se pelas questões, então cada vez mais em voga, das origens do universo, da evolução, da vida e do homem, da interacção matéria/espírito.



Teilhard de Chardin viria a pagar caro as suas posições de natureza não científica decorrentes desta crescente curiosidade e paixão. A desconfiança que os seus primeiros escritos nesta área suscitaram junto dos responsáveis da sua Ordem e das autoridades eclesiásticas no Vaticano valeu-lhe a proibição de ensinar em qualquer dos institutos ou escolas superiores para que havia sido convidado pela sua competência, bem como a de publicar qualquer texto em matérias que não fossem estritamente de carácter científico.

Em 1923, já com uma **carreira científica** afirmada, é enviado pela Companhia para a



China, numa espécie exílio, onde permaneceu até ao final da 2ª Guerra Mundial, apenas com raras e curtas visitas a França. Colaborou de início com um outro jesuíta francês, o Padre Lincet, que já há alguns anos ali desenvolvia estudos geológicos e paleontológicos sobre o vasto território chinês. Em 1929, estando a colaborar directamente com o Estado chinês,

foi sob sua orientação que foi descoberto o **Sinantropus** (o famoso “homem de Pequim”), por ele então classificado como um dos primeiros *Homo Erectus*, facto que marcou uma etapa decisiva no estudo das origens e evolução do homem como espécie.



Na última fase da sua vida, após o regresso a **Paris** em 1946, onde foi alvo dum acolhimento entusiástico, Teilhard de Chardin, no auge da sua notoriedade como cientista, passou alguns anos frequentando os meios intelectuais da época, sendo muito solicitado como conferencista. Isto e a circulação ‘clandestina’ dalguns dos seus escritos não científicos

que, apesar da proibição, circulavam «por de baixo da mesa» em largos círculos de admiradores, suscitou o alarme dos meios eclesiásticos. A sua Ordem opta por enviá-lo para os **Estados Unidos**, a fim de ali colaborar como especialista em paleontologia humana com uma fundação que desenvolvia estudos nesta área em todo o mundo. Nesta ocupação, viveu os últimos 5 anos da sua vida em Nova Iorque, onde viria a falecer dum ataque cardíaco no dia 10 de Abril de 1955, não sem ter ainda saudado entusiasticamente a criação da ONU e tido a oportunidade de ser dos primeiros grandes intelectuais a colaborar com a Unesco.

3 - Mas vejamos porque é **interessante**, passados quase 70 anos sobre a sua morte, falar-se ainda de Teilhard de Chardin.



Como acima fizemos notar, Teilhard de Chardin, sendo um cientista eminente, foi também um **místico** de grande inspiração, que encontrou na ciência não propriamente provas da existência de Deus, mas sobretudo sinais da sua revelação. Da sua defesa da conciliação entre ciência e fé, deixando à primeira o rigor da observação e à segunda a intuição da transcendência dos fenómenos observados, resulta uma visão coerente do universo

como **criação em processo**, tendendo para um foco de convergência, por ele designado de **ponto Ómega**, que passa sobretudo pelo homem, na sua própria evolução espiritual. Ora, este foco atractor do universo, postulado fenomenologicamente, só pode corresponder, em coerência, à presença de **Alguém** transcendente, que se revela como princípio e fim de todas as coisas, ou seja, o Criador revelado no próprio Cristo. A evolução, vista a esta luz, é interiormente espiritual e transcendente e o universo assim criado não é um capricho do criador. Ele tem uma finalidade.

É esta a grande síntese que, a partir de certa altura, se impõe a Teilhard com uma convicção profunda e que o leva a colocar, como epígrafe à sua obra "**Comment je crois**", de 1934, a seguinte máxima:

***Creio** que o universo é uma evolução; **creio** que a evolução se encaminha para o Espírito; **creio** que o Espírito, no Homem, culmina na Pessoa; **creio** que a Pessoa suprema é o Cristo Universal.*

Os caminhos da ciência e da fé percorridos por Teilhard não só foram paralelos como se interiluminaram. A sua obra maior, "**O Fenómeno Humano**" é disto testemunho. Ali, ele anuncia e realiza uma observação objectiva dos fenómenos evolutivos, mas acaba por nos propor a síntese que a citada epígrafe condensa num epílogo intitulado "O Fenómeno Cristão".

Para melhor acompanharmos o alcance desta síntese, recordemos os passos mais marcantes dalguns desses fenómenos observados por Teilhard e expostos em "O Fenómeno Humano".

Ao longo de 14.000 milhões de anos, o universo passou da poeira cósmica inicial à formação das estrelas e das galáxias. Um processo em que a partícula subatômica deu origem ao átomo e este à molécula, numa variedade de combinações em que a complexidade crescente foi determinando o aparecimento de elementos sempre novos e mais ricos de propriedades. Teilhard designa esta fase por **cosmogénese**. No planeta Terra, para nós o único possível para a observação do fenómeno vida, segue-se a chamada **biogénese**, não sem antes as macromoléculas terem determinado o que Teilhard apelida de pré-vida (vida em potência). A vida explode então sobre a Terra, e, nos últimos 3 mil milhões de anos, ela alastra a partir dos organismos unicelulares até aos metazoários. Complexifica-se, ramifica-se, rebenta em milhares e milhares de espécies que se sucedem umas às outras ao longo das grandes eras. Entre os vertebrados, desenha-se, contudo, o fenómeno persistente e crescente da **cerebralização**, cujo eixo principal de complexificação passa pelos mamíferos, até desembocar nos primatas e finalmente no homem, cujo cérebro é o elemento mais complexo jamais conhecido. Esta última fase é por ele designada **antropogénese**. Para descrever todo este vasto panorama de fenómenos, Teilhard utiliza a imagem da **árvore** para aí reconhecer esse tronco principal dos mamíferos



superiores, em que o homem ocupa o lugar de ponta de lança. E conclui: a finalidade da criação, como cosmogénese, é o Homem. “*L’homme, flèche de l’évolution*”, na expressão de Teilhard, para designar o lugar avançado do homem, esse ser dotado de inteligência, vontade e liberdade, capaz de amar e de tomar em suas mãos o próprio destino da evolução, capaz, sobretudo, de intuir o Criador para o adorar.

Primeiramente, na natureza observa-se que, desde os elementos mais simples da matéria até aos seres vivos superiores, tudo tende a unir-se e a dar origem a formas ou seres mais complexos. Foi o cientista russo Mendeleïev, quem, na segunda metade do séc. XIX, estabeleceu a lista dos chamados corpos simples da química, conforme o seu “*número atómico*”, ou seja, o número de prótons do núcleo de cada átomo. Mas foi Teilhard o primeiro a notar que a **ordem histórica** de aparição destes diferentes átomos correspondia exactamente ao grau de complexidade que neles se foi progressivamente estabelecendo e que este mesmo fenómeno se observava a todos os níveis do processo evolutivo. Este foi talvez o seu primeiro golpe de génio, que veio a ser mais tarde explicitamente confirmado pela ciência. É o que ele designa por lei de complexificação, da qual decorre a definição dum terceiro infinito a acrescentar aos outros dois de Pascal, o do imenso e o do ínfimo: é o **infinito da complexificação**.

Desta lei decorre uma outra por ele definida: a da **complexidade/consciência**. Consiste esta lei em afirmar que em cada elemento existe um «de fora» e um «de dentro», correspondendo este último a um nível, ainda que rudimentar, de **psiquismo** presente na matéria. Às subidas de nível do grau de complexidade corresponde um aumento do psiquismo, que se vai tornando cada vez mais rico e que, dos animais até ao homem, permite uma sempre maior capacidade de reagir ao meio e de a ele se adaptar por aprendizagem.

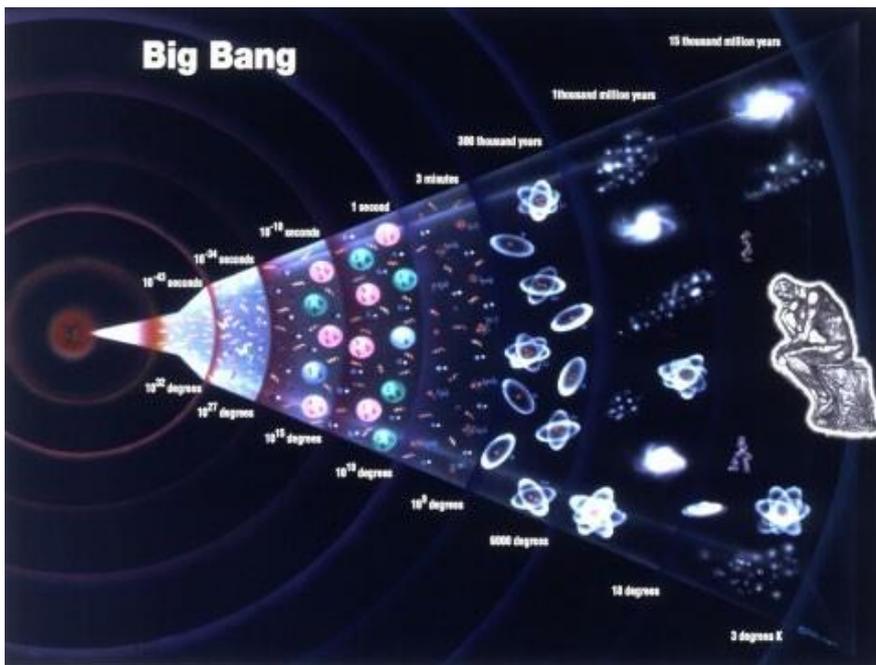
Assim, na evolução, vão sendo franqueados pontos críticos ou limiares, como aconteceu com o aparecimento da vida ou com a emergência da consciência nos humanos. A esta última, dá Teilhard o nome de **passo da reflexão** (ou hominização), pois dum estado de consciência comandada pelo instinto, no homem passa-se para a consciência reflexiva, o que lhe permite já não só «saber», como o animal, mas «**saber que sabe**». O Espírito, presente até aí nos fenómenos naturais, mas sujeito às suas leis, emerge plenamente no homem tornado pessoa livre. Lembremos aqui as segunda e a terceira frases da epígrafe

de «A minha fé» atrás citadas: «**creio que a evolução se encaminha para o Espírito**» e «**creio que o Espírito culmina na Pessoa**».

E Teilhard conclui que, em todo este movimento ascendente em direcção a níveis superiores de complexidade e de consciência, existe um centro de convergência das linhas de unificação discerníveis no passado, mas presente já como pólo de atracção no futuro. É este o **ponto Ómega**, para o qual converge por fim a própria humanidade tornada força consciente da evolução, numa caminhada para o ultra-humano, última fase da **noogénese**, i.é, a plenitude da convergência do «noos», que significa espírito em grego.

4 – Ocorre interrogar: **e hoje**, como nos podemos colocar perante todo este fenómeno evolutivo? Como abranger a importância da noção de tempo cósmico e da sua duração? E da incomensurabilidade do universo?

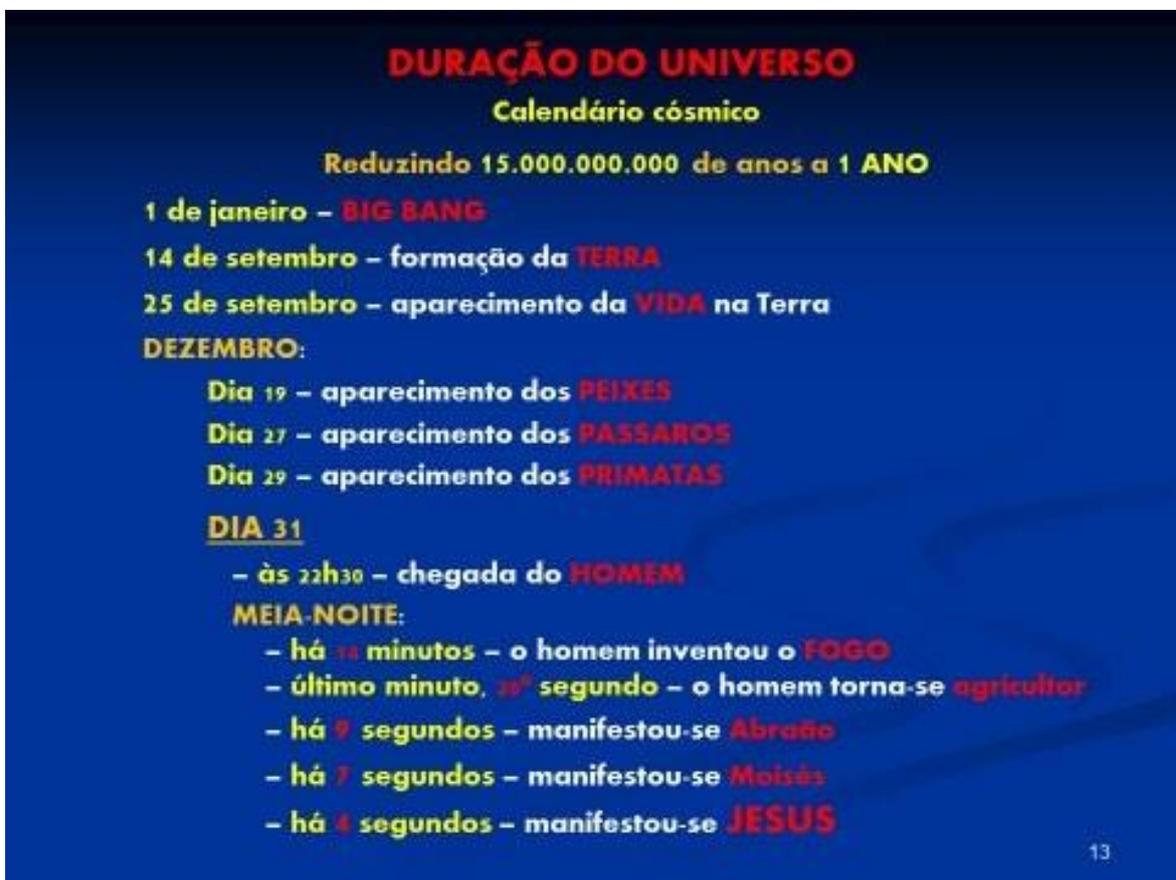
Socorro-me aqui dum texto de Laurent Drillon, filósofo francês da actualidade, intitulado «A Evolução e o Destino Humano», que se refere especificamente ao percurso de Teilhard que temos vindo a comentar. Sobre a **duração**, diz-nos ele a dado passo:



«Existe mais uma outra característica que ainda não evocámos: é a aceleração fulgurante deste **movimento**. É difícil tomar disso consciência porque as durações empregadas para medir a evolução ultrapassam de longe as nossas escalas de percepção: milhões e milhares de milhões de anos. Para termos disto uma ideia acessível, socorramo-nos dum calendário cósmico: por exemplo, se a duração conhecida da evolução

(cerca de 15 mil milhões de

anos) for condensada num só ano de calendário, obtemos a seguinte cronologia: fixando a origem do universo (o **big bang**) no dia **1 de janeiro**, teremos que esperar até **14 de setembro** para assistir à **formação da Terra**; a **vida** não aparece nela, sob a sua forma mais rudimentar, senão a **25 de setembro**, os **peixes**, a **19 de dezembro**, os **pássaros**, a **27 de dezembro** e os **primatas**, a **29 de dezembro**; o **homem**, esse chega só a **31 de dezembro**, às **22h30**. Estamos a 31 de Dezembro, à **meia-noite**, e o homem inventou o **fogo** há **14 minutos**! No **último minuto**, os acontecimentos importantes sucedem-se: ao **20º segundo**, o homem torna-se **agricultor**; **Abraão** manifestou-se **há 9 segundos**, **Moisés**, **há 7 segundos** e **Jesus** **há 4 segundos**.» (fim de citação)

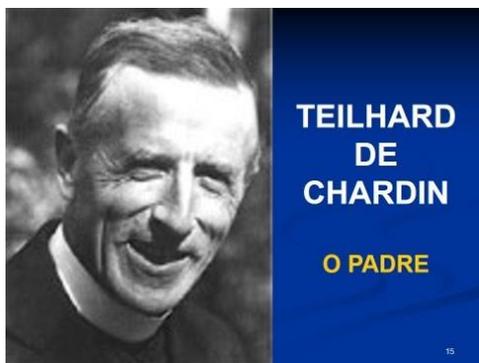


Mas, já que estamos a lidar com as imensidades de tempo, aproveitemos para nos debruçarmos também um pouco sobre as imensidades dos espaços cósmicos, uma vez que nos encontramos totalmente imersos nessa realidade de espaço-tempo.

Alguns exemplos da **incomensurabilidade** do universo:

- O nosso sol é apenas uma das dez mil milhões de estrelas existentes só na nossa galáxia
- Existem vários milhares de milhões de galáxias no universo
- A luz leva 4 anos a chegar-nos da estrela mais próxima de nós (a Proxima Centauri), à velocidade de 300.000 km/seg
- A esta mesma velocidade, a luz leva 2 milhões de anos a chegar-nos de Andrómeda, que é a galáxia mais próxima da nossa: isto corresponde a uma distância aproximada em km de um 2 seguido de 16 zeros!

Retenhamos só mais esta saborosa comparação: a luz que estamos hoje a receber de Andrómeda, saiu de lá quando o primeiro *homo erectus* deu os seus primeiros passos, algures na África oriental (aquele que, como vimos, chegou às 22.30h de 31 de Dezembro) !



Podemos agora parar um pouco e reflectir na última frase da citada epígrafe: «**creio que a Pessoa suprema é o Cristo Universal**». Aqui já não é o Teilhard cientista e o Teilhard filósofo quem fala: é o Teilhard sacerdote e místico. A visão daquelas realidades imensas para que, no tempo de Teilhard, os cientistas, como Einstein e outros, começavam a dirigir os seus olhares deslumbrados, não podiam deixar de o tocar profundamente e nele suscitar uma reflexão como místico que procura o sentido da obra de Deus.

A sua concepção do Cristo Universal em relação com a Criação, vista por este prisma, estabelece-a Teilhard de Chardin a partir de S. Paulo e de S. João evangelista. Retenhamos algumas passagens mais significativas da sua inspiração bíblica:

- “No princípio era o Verbo [...] Todas as coisas foram feitas por meio dele, e sem ele nada foi criado. Nele estava a vida, e essa vida era a luz dos homens”(João, I, 1-4): **Cristo, Alfa da criação do universo.**
- “Esse plano consiste em levar o universo à sua realização total, reunindo todas as coisas, tanto dos céus como da terra, tendo Cristo como cabeça e chefe” (Ef. I, 10): **Cristo, Ómega da cosmogénese e da noogénese.**
- “E quando Deus colocar todas as coisas debaixo do poder do Filho, também este se colocará debaixo do poder do Pai que lhe entregou tudo. E deste modo, Deus será tudo para todos” (I Cor. 15, 23-28): **Evocação da glória final de Cristo na Parusia.**
- “Submeteu todas as coisas à autoridade de Cristo e fez dele chefe e cabeça da igreja. A igreja é o corpo de Cristo e ele, que enche o universo inteiro, está nela em toda a sua plenitude” (Ef. I, 19-23): **Cristo, Pleroma de toda a criação.** (Teilhard, ao falar do Pleroma, gostava de evocar o **Pantocrator** (senhor universal, em grego), a imagem do Cristo-Rei presente nas cúpulas das antigas basílicas paleocristãs, de braços abertos abraçando o mundo).



Nestas e noutras passagens bíblicas, inspira-se Teilhard para intuir, na sua síntese lúcida, uma fé crística coerente com os fenómenos observáveis. O que se passa realmente é que Teilhard de Chardin não se serve da sua observação como cientista para justificar uma crença. Nem força as suas intuições como místico fazendo qualquer espécie de concordismo. Ele simplesmente «vê» e realiza uma **síntese** entre dois mundos há muito aguardada: **o mundo da ciência e o mundo da revelação.**

Este vasto processo cósmico, assim visto por ele centrado em Cristo, é, finalmente, designado por «**Cristogénese**». É disso que trata no seu ensaio «Mon Univers», de 1924, (Tomo IX), onde, a dado passo, escreve:

«Deus não quis isoladamente o sol, a terra, as plantas, o Homem. Ele quis o seu Cristo; e, para ter o seu Cristo, ele teve que criar o mundo espiritual, os homens

particularmente, sobre quem germinaria o Cristo; e, para ter o Homem, ele teve que lançar o enorme movimento da vida orgânica (que não é pois um luxo, mas um órgão essencial do Mundo); e, a fim de que essa nascesse, foi necessária a agitação cósmica toda inteira».

Repetindo S. João, “Todas as coisas foram feitas por meio dele, e sem ele nada foi criado», também para Teilhard o Cristo é aquele que sempre existiu antes da criação, para quem todas as coisas são criadas: aquele que é o Alfa e o Ômega de tudo e de todos, aquele que incarna na humanidade para lhe conferir o verdadeiro estatuto de filhos de Deus, à sua imagem e semelhança, aquele que se hominiza divinizando a humanidade, o Cristo do Pleroma que tudo atrai a si, pela sua «**influência secreta**», como dizia Teilhard, e confere plenitude à criação, aquele que, na Parusia, acolhe no fim dos tempos a criação divinizada.

Assim, ao **Ponto Ômega**, que nas suas observações de cientista tinha intuído como o pólo de convergência universal, passa a chamar **Cristo Universal, Cristo Cósmico, Cristo-Ômega**. E o universo, estudado nos seus fenómenos e leis, passa a identificá-lo como **Criação**. Nesta óptica, a criação deixa de ser um fenómeno estático, acontecimento instantâneo (ou ocorrido apenas em 6 dias, segundo a leitura literal da Escritura), para ser concebido como um processo dinâmico centrado em Cristo, em que o Criador, mais do que fazer as coisas, «**faz as coisas fazerem-se**».

É nesta concepção que se baseia a cristologia de Teilhard, que nos propõe que os mistérios **Criação, Incarnação, Redenção, Ressurreição e Eucaristia**, mantendo a sua essência, sejam vistos à luz duma unidade integradora e centrada na pessoa do Cristo Universal. Para abordar esta visão integrada destes cinco mistérios, apoiamo-nos na obra de 2008 “Christ Présent et Universel, la vision christologique de Teilhard de Chardin” (Mame-Desclée, Paris), da autoria dos professores de teologia franceses Mons. André Dupleix e Évelyne Maurice. Assim, os três primeiros destes mistérios, funde-os Teilhard num quarto, o do Pleroma, unificação final de tudo em Deus, como S. Paulo profetiza na 1ª Epístola aos Coríntios: «E Deus será tudo em todos». Eis como esta sua visão nos é sinteticamente apresentada no seu ensaio “Cristianismo e Evolução” (1945):

«Transportados do Cosmos antigo (estático, limitado...) para um Universo moderno (organicamente ligado num só bloco evolutivo pelo seu Espaço-Tempo), os três mistérios tendem a formar um só [...] Criar, pois, para Deus, é, por definição, unir-se à sua obra, ou seja, embrenhar-se duma maneira ou de outra no Mundo por incarnação. Ora, “incarnar” não é, ipso facto, participar nos sofrimentos e males inerentes ao Múltiplo, penosamente em vias de agregação? Criação, Incarnação, Redenção: vistas a esta luz, na verdade os três mistérios tornam-se, na nova Cristologia, nas três faces dum mesmo processo de fundo, num quarto mistério [...] ao qual conviria dar um nome: o Mistério da União Criadora do Mundo em Deus ou Pleromização.»

Mas abordemos cada um destes mistérios, com recurso a algumas citações exemplificativas:

Para Teilhard, «criar é unir», e a sua noção de **criação** dinâmica vive deste conceito que ele desenvolve como «união criadora». Teilhard vê em Cristo o seu centro e motor, como se intui no escrito de 1933 intitulado “Cristologia e Evolução”:

«Já é tempo, sob a pressão dos factos, de regressar a uma forma mais fisicista, mais orgânica da Cristologia. Um Cristo que não seja somente o Senhor do Mundo por ter sido assim declarado, mas porque, de alto a baixo, Ele anima todas as coisas; um Cristo que não domine apenas a história do céu e da terra porque alguém lhos deu, mas porque a sua gestação, o seu nascimento e a sua gradual consumação representam fisicamente a única realidade definitiva onde se exprime a evolução do Mundo: eis o único Deus que podemos sinceramente adorar de ora avante. E é este, justamente, que a nova face adquirida pelo Universo nos sugere.»

Sobre a **Incarnação**, leiamos ainda em “O Meu Universo”, o que ele nos diz sobre o significado cósmico da vinda histórica de Cristo:

«Não estranhemos, impensadamente, a espera interminável que o Messias nos impôs. Foram necessários os labores dolorosos e anónimos do Homem primitivo, a antiga beleza egípcia, a espera inquieta de Israel, o perfume lentamente destilado dos místicos orientais, a sabedoria cem vezes refinada dos Gregos para que, sobre a haste de Jessé e da Humanidade, a Flor pudesse eclodir. Toda esta preparação foi cósmica e biologicamente necessária para que Cristo surgisse na humanidade. E este longo e imenso trabalho foi animado pelo despertar activo e criador da Sua alma, porque esta alma humana fora destinada a animar o Universo. Quando Cristo apareceu nos braços de Maria, o Mundo, por Ele e com Ele, elevou-se à transcendência.»

Sobre a **Redenção**, as novas exigências da visão de Teilhard levam-no a olhar o Redentor muito mais como aquele que salva a humanidade em processo de crescimento do que exclusivamente o que restaura, pela sua Paixão, uma humanidade decaída. O termo «Salvador» tem um significado não apenas de vencer o pecado que afecta o homem, mas situa-se numa perspectiva de domínio e vitória de Cristo incarnado sobre todos os elementos dum universo em evolução. A queda tem muito mais a ver com a luta do homem, no seu processo de crescimento espiritual, contra o mal inerente à incompletude que tem de vencer, do que com uma visão mítica da perda dum estado de perfeição inicial, motivada por desobediência a Deus. Cristo imerge-se no mundo e faz-se homem como sinal da sua incondicional solidariedade para com a humanidade, que ele assume e de que conhece as fraquezas, e que chama à divinização pela fidelidade à sua pessoa e à sua mensagem. Salva o mundo porque lhe vem revelar o verdadeiro caminho para uma nova vida, com vista à construção do Reino de Deus, que ele próprio vem fundar.



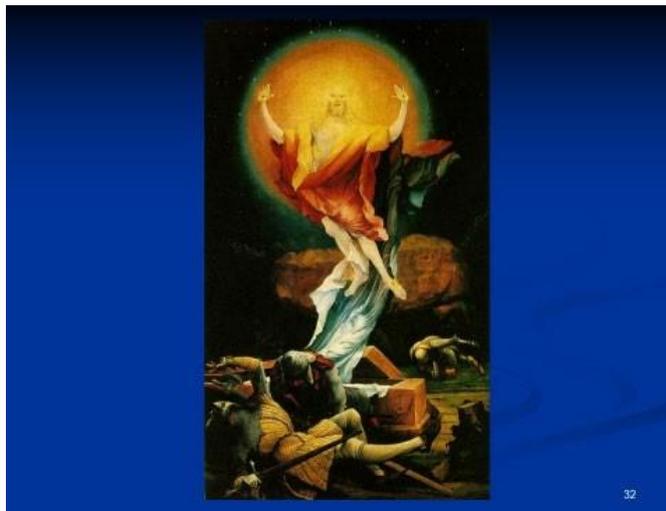
A esta luz, a **Cruz** a que Cristo foi condenado por um poder discricionário, assume, para Teilhard, um outro significado, como podemos ler no seu escrito “O Cristo Evolutor” (1942):

«Uma Cruz, simbolizando a subida da Criação através do esforço, bem mais do que a falta expiada. Um Sangue que, muito mais do que ser derramado, circula e vivifica. O cordeiro de Deus carregando, a par com os pecados, o peso do progresso do Mundo. A ideia de

perdão e de Sacrifício transformando-se, pelo seu próprio enriquecimento, na ideia de Consumação e de Conquista. O Cristo Redentor, por assim dizer, acabando por se completar, sem nada atenuar da sua face sofredora, na plenitude dinâmica dum CRISTO EVOLUTOR.»

Passemos agora à visão que Teilhard tem do mistério da **Ressurreição**. O Cristo Ressuscitado é directamente assimilado à noção de Cristo Universal, estendendo o seu poder para além dos limites do Universo. Por mais vasto que se descubra o universo, não pode escapar à acção transformadora e iluminadora de Cristo. No já citado ensaio “O Meu Universo”, encontramos esta síntese da sua visão cósmica do Ressuscitado:

«Procuramos demasiadas vezes olhar para a Ressurreição como um acontecimento apologético e momentâneo, como uma pequena vingança individual de Cristo sobre o sepulcro. É bem outra coisa e muito mais do que isso. Ela é um formidável acontecimento cósmico, que marca a tomada de posse efectiva, por Cristo, das suas funções de Centro universal. Até aí, ele estava por todo o lado como uma alma penosamente reunindo os seus elementos embrionários. Agora, ele irradia por sobre todo o Universo como uma consciência e uma actividade mestras de si mesmas. Ele emergiu do Mundo depois de aí se ter feito baptizar. Elevou-se aos céus após ter tocado as profundezas da Terra.»



Finalmente, abordemos o mistério da **Eucaristia**. Ao colocá-la ao nível das outras categorias cristológicas, Teilhard assimila-a directamente à Incarnação que, por intermédio da humanidade em comunhão eucarística, se prolonga pela incorporação do Universo ao Corpo Místico de Cristo. Pela Eucaristia, a Criação, a Incarnação e a Redenção continuam a realizar até ao fim dos tempos a presença sempre crescente e actuante do Cristo Universal. Em «**O Meio Divino**», o livro de espiritualidade que escreveu em 1926, Teilhard sintetiza assim a sua concepção da Eucaristia:

«A cada instante, o Cristo Eucarístico controla, do ponto de vista de organização do Pleroma (que é o único ponto de vista verdadeiro para compreender o Mundo) todo o movimento do Universo [...]. Assimilando a nossa humanidade todo o mundo Material e a Hóstia assimilando a nossa humanidade, a Transformação eucarística extravasa e completa a Transubstanciação do pão do altar. A pouco e pouco, ela invade irresistivelmente o Universo.» [...] «No fundo, depois das origens da preparação messiânica até à Parusia, passando pela manifestação histórica de Jesus pelas fases de crescimento da sua Igreja, um só acontecimento se desenvolve no Mundo: a Incarnação, realizada em cada indivíduo pela Eucaristia.»

5 - **Concluindo**, penso que, de tudo o que aqui abordámos, terá sobressaído o interesse que o pensamento e a mística de Teilhard de Chardin podem ter para o nosso mundo actual. Será também possível uma leitura das suas convicções e sínteses, no sentido de que não existe uma oposição entre a nossa adoração a Deus e o espírito do mundo moderno, o qual integra a própria acção criadora desse Deus. Esta «religião da Terra» encerra o impulso para Deus, visto que Deus preside a todo o esforço humano. O «apagamento» do cristianismo no mundo moderno reside na ascensão duma crença

ilimitada no progresso do homem e do mundo (**para a frente**) que parece suplantar a fé no transcendente (**para o alto**). Por isso Teilhard defende a atitude de fé de «**ir a Deus através do Mundo**». Tal atitude deve consistir, não em condenar, mas em baptizar e integrar o mundo moderno: conciliar a fé no mundo com a fé em Deus. Seria este um testemunho urgente para a nossa tarefa de evangelizar o mundo de hoje.

6 – Quase a terminar, podemos ainda interrogar-nos: afinal, que **recepção** tem hoje a mística de Teilhard de Chardin, eminente homem de Igreja, por muitos considerado um profeta do século XX ?

Desde que o seu pensamento começou a ser divulgado, foram muitas as obras publicadas sobre Teilhard de Chardin, algumas a rejeitá-lo mas a maioria a apreciá-lo positivamente. Entre estas últimas, contam-se as de alguns confrades seus, como os Padres Quince e Martelet e o cardeal Henri de Lubac, pela mão do qual as suas ideias vieram a ter influência nalgumas constituições do Concílio Vaticano II.

Roma foi-se mantendo em silêncio, mas, a partir de 1981, ano do 1º centenário do nascimento de Teilhard, as autoridades eclesíásticas, quer ao nível do **Vaticano**, incluindo o próprio Bento XVI, quer ao nível da própria Companhia de Jesus, têm vindo a reconhecer a importância de Teilhard de Chardin como precursor duma renovação da Cristologia. De notar também que os fóruns centrados na figura de Teilhard de Chardin que se realizaram na Universidade Gregoriana de Roma, em 2004 e 2012, contaram com a participação do Geral dos



Jesuítas e de representantes do Vaticano, fóruns esses onde Teilhard foi reconhecido como um dos grandes pensadores da cristandade dos nossos dias.

Contudo, a prova mais convincente de que algo está a mudar no Vaticano em relação à avaliação do mérito apostólico de Teilhard veio no penúltimo dia de 2013, em que **L'Osservatore Romano**, pela pena dum conselheiro do Ex-Santo Ofício, Padre Maurizio Gronchi, traça um rasgado elogio ao seu pensamento, em contraste com as posições deste órgão oficial da Igreja, assumidas na altura em que as “Obras Completas” começaram a vir a público.

O artigo faz referência às posições elogiosas assumidas por teólogos como **Joseph Ratzinger** e outros, e nomeadamente pelos papas **Paulo VI, João Paulo II e Bento XVI**, (de assinalar que, entretanto, também o **Papa Francisco** faz uma referência a TC na encíclica Laudato – Si’), acerca do pensamento cristológico de Teilhard de Chardin. O próprio autor, associando-se a essas posições, valoriza «*a preciosa intuição de Teilhard*» (sic). Quase no final do artigo, a reforçar o reconhecimento da justeza de concepções de Teilhard em relação à cosmicidade e centralidade de Cristo, escreve:

«Graças a Teilhard, passam a aparecer algumas raízes neotestamentárias da criação em Cristo e a orientação cósmica em direcção à sua perfeição escatológica, exactamente como a perspectiva da “semente do Verbo”, vinda de autoridades antigas, tais como as de Justino e Clemente de Alexandria. Neste contexto, o trabalho do Pai não é somente a criação, mas a construção progressiva do universo, que caminha para um fim (cf. Hebreus, 3, 4); nesta concepção, há um centro, Cristo, cuja perfeição pessoal é realizada por um processo marcado pelo sofrimento (cf. Hebreus 5:8-9). Hoje, coloca-se de forma cada vez mais aguda a necessidade de

reconhecer os “frutos do Verbo”, amadurecidos nas culturas e entre os povos que contêm os traços de uma história da salvação que as envolve, através de muito sofrimento e pobreza.» (fim de citação)

Perante tais evidências, apetece recordar estas palavras de Teilhard:

«Não seria que chegou já a altura de que o tronco da árvore, ainda adormecido, retomasse o seu crescimento? Sem exagero, não se abrirá um novo ciclo para a Igreja, ciclo maravilhosamente adaptado à era presente da humanidade: o ciclo do Cristo adorado através do Universo? Que aqueles que julgam ouvir chegar o mestre, que queiram, que desejem, que trabalhem.» (Nota sobre o Cristo Universal, 1920).

Termino esta minha já longa intervenção com a leitura de dois textos de Teilhard de Chardin, um que testemunha claramente a sua fidelidade e **ortodoxia**:

«Nós não seremos salvos, não veremos a Deus, senão na medida em que sejamos um em Cristo Jesus. A Incarnação só se completa finalmente pela construção duma Igreja viva, dum Corpo místico, duma totalidade consumada, dum Pleroma (segundo a intraduzível expressão de Paulo); eis um facto, um dogma, sobre o qual todos os cristãos estão de acordo.» (Panteísmo e cristianismo, 1923).

e outro, como resposta à grande interrogação existencial sobre o nosso destino, em que Teilhard de Chardin nos propõe a sua serena espiritualidade perante a **MORTE**:

«Quando sobre o meu corpo (e muito mais ainda sobre o meu espírito) começar a pesar a usura da idade; quando se abater sobre mim, do exterior, ou nascer em mim, de dentro, o mal que diminui ou arrasta; no minuto doloroso em que eu tomar de súbito consciência de que estou doente ou de que envelheço; nesse momento extremo, sobretudo, em que sentirei que escapo a mim próprio, absolutamente passivo nas mãos das grandes forças desconhecidas que me formaram; em todas essas horas sombrias, concedei-me, meu Deus, a compreensão de que sois Vós (possa a minha fé ser grande o bastante) que afastais dolorosamente as fibras do meu ser para penetrardes até à medula da minha substância, para me arrebatardes em Vós.»

(O Meio Divino, 1926)

